



## **Erich Fromm: Uma teoria da personalidade baseada na segurança em detrimento à liberdade**

Jandilson Avelino da Silva, Daylma Karla da Silva Lima, Deise Bernardo da Costa, Maria Luíza Tomaz Bezerra Vicente, Paloma Cavalcante Bezerra, Samanta Vieira Rocha, Thyala Maria Alexandre Lourenço.

Universidade Federal da Paraíba

### **Resumo**

Para Fromm, o dilema básico humano referia-se ao fato de que ao longo dos anos quanto mais às pessoas ganham liberdade mais elas se sentem solitárias, inseguras e separadas da natureza. Fromm sugeriu que as pessoas identificavam-se com as religiões e com as pátrias, na tentativa de lidar com a sensação de perda de vínculo com a natureza. A idade média teria sido, para ele, a última era de estabilidade na qual o indivíduo possuiu realmente sentimento de pertencer a uma classe. Três mecanismos de fuga aos aspectos da liberdade foram propostos por Fromm, porém na tentativa de recuperar a segurança perdida: O Autoritarismo, a Destrutividade e a Conformidade Autômata.

O tema principal dos trabalhos de Fromm é o de que o homem se sente só e isolado porque se separou da natureza e dos outros homens. Dentre as espécies animais esse isolamento é específico dos humanos. Os filhos libertam-se dos pais, mas sentem-se desprotegidos, o escravo foge e ganha a liberdade, mas sente-se preso em um mundo estranho (Hall & Lindzey, 1984).

Segundo Schultz (2002), para Fromm, quanto menos liberdade se tinha mais o homem se sentia entrosado e seguro, pois podia sentir-se pertencente a algo. Essa compreensão se dava pelo fato de que Fromm interpretava a história da civilização ocidental sob uma ótica particular.

Fromm afirmava que quanto mais os homens pretendiam se tornar indivíduos, mais se unia ao mundo através do amor e do trabalho produtivo, procurando uma espécie de vínculo que lhe destruía a liberdade e a integridade do eu individual (Fromm, 1983).

Inicialmente Fromm fala que as necessidades condicionadas fisiologicamente não são os únicos fatores influentes na natureza humana, e isto é o que o difere dos outros animais. O homem possui também idéias, valores que são transmitidos filogeneticamente, ou seja, transmitidos por meios outros que não os genéticos, através das gerações. Os símbolos que constituem a religião e ao nacionalismo são formas de refúgio que o homem criou para se proteger do sentimento de isolamento adquirido pela liberdade (Sahakian, 1974). Identificando-se com seu povo e conseqüentemente com seus costumes, regras e ritos, entre os quais os que compõem o sistema religioso restabeleciam a ligação com a natureza, obtendo um senso de pertencer (Schultz & Schultz, 2002).

Para Hall & Lindzey (1984), os sistemas sociais acabaram por fazer com que o homem desenvolvesse ainda menos a sua identidade pessoal. No capitalismo o homem se torna “rico” ou “pobre”, por exemplo. E o homem adquire um caráter social quando se adapta as necessidades da própria sociedade.

Assim Sahakian (1974), relata que para Fromm na história da Europa e da América desde a Idade Média o homem não tem tido de forma tão marcante um senso de estabilidade e segurança. O sistema feudal da era medieval determinava o lugar de cada um na sociedade; não havia mobilidade no morar, nos costumes, no trabalho ou no vestir. Não se duvidava no pertencer e ainda que não fossem livres não eram separados entre si (Schultz & Schultz, 2002).

O que caracteriza a sociedade medieval é a ausência de liberdade individual. A vida particular, econômica e social era controlada por regras e obrigações de que praticamente nenhuma esfera de atividade isentava-se. A ordem social era concebida como uma organização natural, e ser uma parte definida dela davam ao indivíduo uma sensação de segurança e de relacionamento.

Havia um sofrimento e dor, mas também havia a Igreja que tornava mais suportável tal sofrimento ao explicá-lo como resultado do pecado de Adão e dos pecados individuais de cada pessoa. Se bem que, ainda que a Igreja fomentasse um sentimento de culpa, também assegurava ao indivíduo seu amor incondicional a todos os seus filhos e oferecia um meio de adquirir a convicção de ser perdoado e amado por Deus. A relação com Deus era mais de confiança que de dúvida e temor (Fromm, 1983).

A Renascença e a Reforma Protestante destruíram a estabilidade e segurança por meio do aumento da liberdade individual. Com mais opções as pessoas começaram a ter mais poder sobre sua própria vida e adquiriram mais liberdade, à custa da insignificância perante a sociedade e da dúvida sobre o “sentido da vida” (Schultz & Schultz, 2002).

Por meio das doutrinas do protestantismo, o homem foi preparado psicologicamente para o papel que deveria desempenhar no moderno sistema industrial. Esse sistema, sua prática e o espírito que dele brotou, alcançando todos os aspectos da vida conformaram a personalidade total do homem e acentuaram as condições que desenvolveram o indivíduo e o tornaram mais inerte. Ampliou-se a liberdade e criaram-se dependências de nova espécie.

Fromm (1983), afirma não falar do efeito do capitalismo em toda a estrutura do caráter do homem já que focalizou apenas um aspecto do problema geral: o caráter dialético do processo de expansão da liberdade. Ele evidencia que a estrutura da sociedade moderna afeta o homem em duas maneiras simultaneamente: ele fica mais independente, confiante e crítico, e fica mais isolado sozinho e com medo. A compreensão do problema da liberdade em sua inteireza depende da capacidade de ver ambas as faces do processo e não perder a pista de uma, enquanto se está seguindo a da outra (Fromm, 1983).

## **Mecanismos Psíquicos de Fuga**

A fim de recuperar a segurança de vida e eliminar os aspectos negativos da liberdade, segundo Fromm o homem possui três mecanismos básicos que corresponderiam ao que

Karen Horney chamou de tendências neuróticas. As principais diferenças entre as idéias de um e outro se centram no ponto em que as tendências neuróticas de Horney são forças propulsoras da neurose individual, destacando o papel da angústia, ao passo que os mecanismos de fuga são as forças propulsoras do homem normal, ressaltando o isolamento do indivíduo (Fromm, 1983). Esses mecanismos citados por Fromm em sua obra são:

**(1) Autoritarismo:** Ocorre de forma sádica ou masoquista (Schultz & Schultz, 2002). Para o sadismo há duas conceituações correntes: uma de Schrenk-Notzing, na qual a essência do sadismo encontra no desejo de infligir dor, independente de qualquer conotação sexual particular e de forma oposta, a outra conceituação convencional é a de Freud que vê o sadismo essencialmente como um fenômeno sexual. Os impulsos sexuais motivariam de forma inconsciente os desejos sádicos. Às vezes, pode ocorrer de forma consciente e o sádico pode infligir dor física ou psicológica (através da humilhação) como forma de obter excitação sexual. Em outros momentos apenas a fantasia sádica é capaz de aliviar o desejo sádico. Ocorre na maioria das vezes em homens (Fromm, 1975). Os sádicos tentam obter controle a todo custo através do exercer poder sobre os outros (Schultz & Schultz, 2002).

Quanto ao masoquismo, ocorre de modo inverso. O excitamento está em ser ferido, surrado e maltratado. É mais comum em mulheres (Fromm, 1975). Estes se sentem inferiores ao mesmo tempo em que sentem uma forte necessidade de dependência das outras pessoas ou grupos. Comportam-se de forma fraca e desamparada e conseguem segurança através da submissão (Schultz & Schultz, 2002).

**(2) Destrutividade:** Enquanto o anterior envolve interação com o outro, objeto ou pessoa, este visa a eliminação do outro, que ocorre por um sentimento de impotência do indivíduo. Conseguindo afastar o outro, fica-se sozinho e isolado de forma que não se pode ser esmagado por forças exteriores. Destruindo o mundo, então o indivíduo poupa-se a ser massacrado por ele. A destrutividade varia em seu peso tanto em indivíduos quanto em grupos sociais. O grau de destrutividade de cada indivíduo é proporcional à intensidade com que sua vida foi tolhida, pois quanto mais obstruído for o impulso para viver, mais forte será o impulso para destruir. As condições individuais e sociais que contribuem para a supressão da vida produzem um prazer pela destruição, que forma uma reserva de onde se nutre as tendências hostis contra outras pessoas ou contra si mesmo (Fromm, 1983). Fromm acreditava que o amor, o dever, a consciência e o patriotismo eram formas de racionalização da destrutividade (Schultz & Schultz, 2002). Estas seriam formas de se fugir da liberdade, de forma que se podia sentir seguro a algo. Segundo as investigações de Fromm (1981), alguns preceitos podem ser considerados acerca da maldade humana:

a) A maldade é um fenômeno especificamente humano, sendo que o bem seria uma forma de aproximar-se cada vez mais da natureza humana;

b) Os graus de maldade são ao mesmo tempo os graus de regressão (afastar-se da natureza de homem);

- c) O homem é propenso a regredir e a avançar (ao bem e ao mal);
- d) O homem é responsável pela escolha de sua própria ação, ainda que se considerem postulados éticos que indiquem através de racionalização o desejo das autoridades o punirem;
- e) E por fim, o coração do homem pode endurecer, mas sempre permanece como um coração de homem (inumano, mas nunca não-humano).

**(3) Conformismo de Autômatos:** Neste mecanismo tentamos fugir do isolamento tentando nos parecer o máximo possível com o outro (Schultz & Schultz, 2002), renunciando a sua própria integridade individual e deixando de ser ele mesmo. Adota inteiramente o tipo de personalidade oferecida pelos padrões culturais tornando-se iguais aos demais e agindo como todos esperam que ele seja. Desaparecem as diferenças entre o eu e o mundo e também o sentimento de solidão e impotência, podendo ser comparado à mudança na coloração em determinados animais que disso se utilizam para fugir de suas presas. O preço que ele paga por isso é a perda de sua individualidade.

Muitos de nós pensamos que temos a liberdade de pensar, agir ou sentir dentro da sociedade, porém todos estes pensamentos, sentimentos e desejos tidos como nossos na verdade pertencem a determinado grupo, sendo essa crença nada mais que pura ilusão (Fromm, 1983).

Nas pessoas conformistas passa então a não existir um “eu” diferente do “eles” e sendo parte do “eles”, o self genuíno é substituído por um self falso. Essa perda do self faz as pessoas constituírem-se de dúvidas ao mesmo tempo em que age de forma robótica e autômata em resposta ao que esperam dele. Qualquer coisa que o indivíduo faça fora dos padrões sociais tem a sensação de perda da aprovação, do reconhecimento e de sua segurança.

Desta forma o sujeito torna-se vulnerável a sujeitar-se a quaisquer novas autoridades que ofereçam segurança e alívio às dúvidas sem resistências, como o caso das ditaduras. As pessoas podem na tentativa de obter uma sensação de segurança, renunciar a sua liberdade e aderir à sistemas totalitários como os regimes Nazista e ou Fascista (Schultz & Schultz, 2002).

## Considerações Finais

Com esta revisão bibliográfica, pretendeu-se fazer com que uma superfície da extensa Teoria de **Erich Fromm** fosse tomada em consideração, para que sirva de complementação ao escopo da personalidade como conhecimento. Foi percebido o quanto se deve caminhar ainda em busca de maiores reflexões acerca das idéias que foram expostas ao longo de sua obra em busca de uma reestruturação das teorias de personalidade vigentes.

## Referências



- Burston, D. **The Legacy of Erich Fromm**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- Fromm, E. **The sane society**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1955.
- Fromm, E.; Maccoby, M. **Social character in a Mexican Village**. New York: Prentice – Hall, 1970.
- Fromm, E. **Análise do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- Fromm, E. **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- Fromm, E. **A anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- Fromm, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- Fromm, E. **O coração do homem: Seu gênio para o bem e para o mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Fromm, E. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- Hall, C. S.; Lindzey, G. **Teorias da personalidade**. São Paulo: EPU, 1984.
- Hall, C. S.; Lindzey, G. **Teorias da personalidade**. São Paulo: EPU, 1966.
- Sahakian, W. S. **Psychology of personality: Readings in theory**. Chicago: Rand McNally, 1974.
- Schultz, D. P.; Schultz, S. E. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.